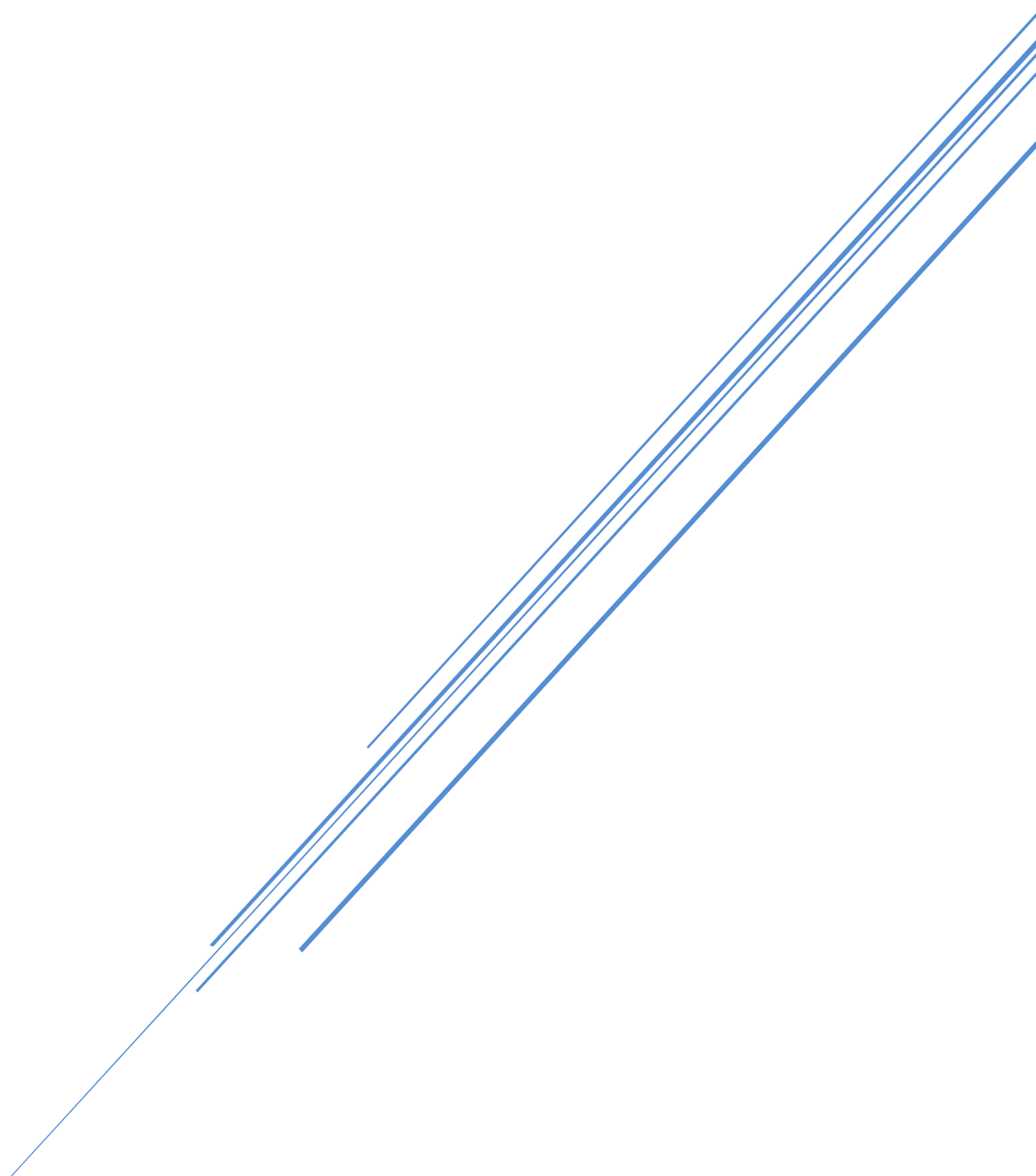


VIOLÊNCIA E SENTIMENTO DE INSEGURANÇA NOS CAMPI DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Entrevistas com os gestores



Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	2
2. A AMPLIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS.....	3
3. SOBRE A SEGURANÇA, A VITIMIZAÇÃO E A SENSAÇÃO DE SEGURANÇA DENTRO DOS CAMPI UNIVERSITÁRIOS.....	4
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	6
6. DADOS HEMEROGRÁFICOS	7

1. INTRODUÇÃO

A violência e a criminalidade são temas que compõem o rol de notícias com as quais nos deparamos habitualmente ao abrir um jornal, assistir um noticiário na televisão ou acessar as páginas de notícias na internet. Essa ênfase dispensada pelos meios de informação à divulgação desses assuntos aponta, por vezes, para o surgimento de novas temáticas e problemáticas que deverão ser abordadas e tratadas no campo da segurança pública. Além disso, as notícias de jornais, quando coletadas e organizadas, são fontes de pesquisa que ao serem analisadas possibilitam verificar a transformação de um assunto que antes era pontual e que passa a tomar proporções mais amplas, assumindo por vezes relevância global. Um exemplo disso é a questão da segurança nos campus que a cada ocorrência de crime nesses espaços divulgada pela mídia, esse assunto ganha destaque e tornando-se alvo de inúmeros debates.

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa sobre vitimização e sentimento de segurança nos campi da UFSC e UNOCHAPECO. A proposta deste trabalho foi de analisar a questão da violência e sensação de segurança no âmbito dos ambientes universitários de Santa Catarina, a partir das referências da mídia. Através desta pesquisa buscou-se analisar o referido fenômeno nos ambientes universitários brasileiros com a finalidade de colaborar no conhecimento desta questão e na proposição de políticas públicas.

O fenômeno da violência dentro de campi universitários apresenta diversas facetas que vamos a seguir identificar. Primeiramente é um fenômeno

relativamente recente em comparação a outros eventos de violência urbana. Isto significa que os estudos ainda são escassos e que a expertise sobre esta questão é pouco desenvolvida assim como a resposta das instituições à esta questão. Sendo um fenômeno ainda recente entendemos que um debate inicial sobre o mesmo acontece no âmbito da opinião pública. Neste sentido, nos concentramos em buscar maiores informações a por meio da pesquisa hemerográfica.

Este trabalho tem como objetivo investigar notícias de violência e criminalidade que ocorreram dentro de campus universitários nos últimos 20 anos (1995 a 2015) no Brasil. Intenta-se com isso avaliar como se distribuem as notícias de crimes em universidades do país, para confirmar ou confrontar as estatísticas oficiais de violência e criminalidade, ou para comprovar o surgimento de uma pauta específica para o campo da segurança pública.

2. A AMPLIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS.

A ampliação de muitas universidades brasileiras que se desenvolveram fisicamente em regiões com densidade urbana no seu entorno as projetou para um outro patamar de identificação como aglomerado físico e social. De meros que sempre significaram um espaço estritamente universitário passaram as universidades a serem citadas como “cidades universitárias”. Primeiramente o tamanho médio das universidades em termos de número de funcionários, alunos e professores se ampliou significativamente nos últimos trinta anos (Tab.1). Ao mesmo tempo a expansão física também teve crescimento vertiginoso, apesar de não dispormos de dados mais exatos pressupomos que este se deu numa proporção relativa ao crescimento demográfico das mesmas. Fazem parte dos, ou “cidades universitárias”, não somente os convencionais prédios administrativos e acadêmicos, mas também prédios de serviços ou de apoio direto ou indireto na vida cotidiana como livrarias, copiadoras, lanchonetes, restaurantes, bancos e farmácias, além de uma gama de vendedores de vários tipos de mercadorias como artesanato e feiras de alimentação. Aqui é importante fazer a diferença entre o espaço formal de um campus e também seu entorno que adiciona então uma dimensão urbana que tem no aglomerado universitário seu foco dinamizador, como o mercado imobiliário e toda a estrutura paralela que emerge em sua função. Especificamente o entorno de

uma universidade pode dinamizar várias atividades tendo o público universitário como o maior frequentador, principalmente o entretenimento.

Essa aglomeração pode ter características incomuns se comparadas a outros bairros de uma cidade, como uma alta concentração demográfica de um público com um nível de educação/informação e renda relativamente altos. Esta concentração pode também ampliar fatos e eventos que comprometem a segurança das pessoas que nela circulam, sejam eles acadêmicos ou não. Assim como este tipo de público pode atrair setores mercantis e financeiros, pode também tornar-se um espaço atrativo para ações criminais.

A terceirização de atividades administrativas nas universidades federais (principalmente vigilância e limpeza), trouxe consigo algumas contradições. No que se refere à vigilância acontece a extinção da função de vigilante dos quadros administrativos das universidades federais e conseqüentemente a redução de seus quadros.[7] Ao mesmo tempo a contratação de vigilância terceirizada trouxe para dentro das universidades um tipo de vigilância que tinha em seu perfil características que limitavam a segurança ao cuidado com o patrimônio, ao mesmo tempo que pouco ou nada intervinha em eventos que envolviam comportamentos inadequados (assédios, furtos etc.). Em casos mais extremos como roubos, fatos envolvendo droga e, lógico, homicídios a PM passava a ser acionada. A impotência da vigilância universitária ficava mais evidente nas festas organizadas dentro do espaço da universidade.

3. SOBRE A SEGURANÇA, A VITIMIZAÇÃO E A SENSAÇÃO DE SEGURANÇA DENTRO DOS CAMPI UNIVERSITÁRIOS

Conforme o estudo piloto realizado no âmbito da UFSC, XX estudantes se sentem mais inseguros, necessariamente não sofreram nenhum tipo de atentado físico ou conhecem alguém igualmente sido vítima.[2] Este gap entre o sentimento e a experiência de vitimização nos leva a pressupor que o sentimento de segurança vem sendo alimentado por caminhos que não somente aqueles vividos pelas pessoas. Estes caminhos são, em primeira instância, as redes sociais e num segundo nível os meios de comunicação.

Um pressuposto que explica este gap é a emergência de um clima do medo provocado principalmente por mídias específicas que encontraram nesse sentimento uma grande fonte de audiência, principalmente junto à população de baixa renda. Este processo gera um efeito bolha no sentimento de segurança entre a população, isto é, o medo sem a necessária correspondência com experiências de vitimização vividas, o qual tem como consequência vários aspectos, entre eles a mudança de hábitos de sociabilidade, além da própria confiança nas instituições.

As pesquisas sobre vitimização e sentimento de segurança têm, justamente, como possibilidade identificar os efeitos anti-reflexo dos sentimentos de segurança provocados pela ideologia do medo. A vitimização pode ou não gerar um sensação segurança e esse sentimento pode não estar necessariamente associado à eventos vividos de vitimização. Pesquisas nesta direção têm buscado esclarecer e complementar uma questão secular da criminologia que são os registros oficiais de vitimização, as chamadas “cifras negras”. Esta lacuna limita a formulação de políticas de segurança pública, pois as estatísticas oficiais são sabidamente deficientes. Pesquisas sobre sensação de segurança tem sido o recurso alternativo para oferecer um cenário mais real aos gestores públicos sobre os grupos e espaços de vulnerabilidade. Essas pesquisas são instrumentos mais expert para a formulação políticas de segurança pública.

A violência e sensação de segurança dentro dos ambientes universitários, possuem características distintas dos eventos que ocorrem no ambiente urbano comum; além do mais os acontecimentos de vitimização dentro das universidades constituem sempre fatos de repercussão ampliada na mídia. Pressupomos que o sensação de segurança dentro dos campi das universidades possa ser explicado por vários fatores, cada qual na sua intensidade e capacidade influenciar. A seguir vamos comentar alguns dos pressupostos considerados neste trabalho.

1. Um primeiro fator a ser considerado é a realidade contemporânea do aumento da violência, no mundo inteiro e, principalmente nos grandes centros urbanos. Certamente este fenômeno atinge as universidades, principalmente aquelas cujos campi estão incrustados nos grandes centros urbanos e tem no seu entorno um grau elevado de densidade populacional. Mesmo assim, a frequência de

eventos criminais que afetam fisicamente as pessoas (crimes contra o patrimônio ou contra a vida) são bem menos frequentes nas universidades do que no espaço urbano onde as mesmas se inserem.

2. As universidades se avolumaram nas últimas décadas, tanto em espaço físico, quando em termos demográficos que, direta ou indiretamente, circulam diariamente no seu espaço. É cada vez mais frequente denominar os campi, como cidades universitárias. Esta nova condição torna a gestão da segurança muito mais complexa. Esta questão sugere a o debate sobre as limitações das ações de policiamento praticadas pelos vigilantes e/ou guardas universitárias (terceirizadas ou não) ou a atuação das PM's no seu interior.
3. As universidades tornaram-se um espaço atrativo para práticas criminais por vários aspectos: problemas de cercamento, iluminação, ausência de PM e limitação da vigilância; pessoas portanto objetos de valor (dinheiro, celular, carro, tablets, etc.); facilidades de circulação e fuga.
4. Os eventos de criminalidade no interior das universidades tem sempre maior destaque na mídia; as motivações podem ser políticas, ideológicas, ou, por que tais eventos atingem segmentos de classe média, o que significa maior audiência midiática.

Como neste trabalho vamos nos concentrar na mídia impressa, nossas perguntas de pesquisa buscam identificar se: a) qual a pauta que a mídia impressa formata sobre a questão da segurança nas universidades; b) quais propostas para uma melhoria nas condições de segurança propostos na e pela a mídia.

Nosso objetivo é complementar este debate em consonância com os demais procedimentos e objetivos da pesquisa ampliada (entrevistas e pesquisa de campo) buscando identificar a pauta perseguida pela mídia impressa sobre a segurança e vitimização nas universidades brasileiras. Neste sentido, este trabalho busca analisar a publicação de matérias jornalísticas sobre a questão de segurança e os eventos de vitimização ocorridos e associados às universidades brasileiras e, em particular na UFSC.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adotamos os procedimentos de pesquisa hemerográfica para atingir nossa finalidade. Apesar de ser um recurso de pesquisa antigo, utilizado principalmente por historiadores, o seu uso sempre esteve limitado ao seu manuseio físico, o que limitava a maior parte das pesquisas à investigações de época e/ou pontuais. Pelos mesmos motivos também foi um recurso ainda pouco utilizado nas Ciências Sociais. No entanto, nas últimas décadas o seu uso tem sido ampliado em função da disponibilidade informacional dos acervos e arquivos dos grandes jornais do mundo inteiro. Isto possibilitou uma aplicação das pesquisas hemerográficas de forma potencial, não somente no seu sentido longitudinal, mas também quantitativo. A partir da técnica da pesquisa hemerográfica utilizamos os arquivos on line dos principais jornais nos últimos 20 anos (1994 a 2015). Para essa pesquisa definimos a palavra-chave: [5] e analisamos as matérias disponíveis em jornais de alcance nacional: As matérias serão classificadas: a) em série temporal; b) por tipo de eventos (roubos, furtos, latrocínios, etc.) c) por gravidade (com/sem vitimização); d) replicação (o mesmo evento ser objeto de mais de uma matéria).

6. DADOS HEMEROGRÁFICOS

Nas tabelas seguintes deste item vamos nos deter brevemente na análise descritiva dos dados como uma caracterização primária do fenômeno em estudo tendo como questão a emergência do mesmo como um problema público, aqui, no limite do mesmo como restrito à instituição universitária e, como um problema chama atenção à estratos mais amplos da sociedade. Neste sentido questões como:

Buscando pela palavra-chave eleita nesta pesquisa identificamos que a Folha de São Paulo, além apresentar o maior número de matérias foi o jornal que mais cedo começou a dar publicidade ao tema. Isto não quer dizer que em períodos anteriores a questão não fosse objeto de suas matérias[6]. As universidades brasileiras foram fortemente objeto de atenção da mídia nos anos sessenta, setenta e oitenta, principalmente em função dos protestos estudantis.

A questão passa a ter visibilidade a partir dos anos noventa conforme a Tab. 1.

Tabela 2 – Período e Número de Matérias.

Período até 2015

N. de matérias

Folha de São Paulo

1994

188

Estadão

2001

87

Jornal do Brasil

2008

25

O Globo

2001

193

Diário Catarinense

2009

44

Total

537

Linha do Tempo das Matérias.

A análise do de um determinado fenômeno possibilita perceber o momento ou conjuntura em que o mesmo adquire visibilidade ou público. A Tab. 2 indica que as matérias orientadas para eventos de segurança e violência nas universidades, passaram a ter mais frequência a partir de 2006. O grande

destaque é o ano de 2011. Este aspecto será melhor explicado mais adiante na análise das matérias.

Atualizar ano 2015 na tab. abaixo

Cidade

N. de vezes citadas

Recife

5

Belo Horizonte

6

Seropédica

6

São Bernardo do Campo

7

Brasília

12

Campinas

32

Florianópolis

57

Rio de Janeiro

88

São Paulo

239

Universidades mais citadas

Ao buscarmos identificar as universidades mais citadas na questão segurança, nosso pressuposto era de que a atenção dos jornais ficaria diluída entre os fatos nas várias instituições, principalmente nas grandes cidades (Rio de Janeiro e São Paulo, particularmente). Para nossa surpresa, mesmo os jornais do

Rio de Janeiro (O Globo e JB) citam a USP em primeiro lugar quanto ao número de matérias. Esta verificação poderia estender-se para outras grandes cidades do país (Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador ou Recife) onde os tem grande concentração de alunos. Acreditamos, no entanto, que os resultados não serão diferentes. Isto nos leva a induzir que a questão segurança está associada à outras variáveis, como tamanho e infraestrutura, localização urbana, entre outros.

No total computamos 49 universidades citadas, sendo que na grande maioria apenas uma matéria. Há também citações à universidades estrangeiras, no entanto, um número inexpressivo de matérias. No caso de um jornal local como o DC, era de esperar que as matérias estariam todas concentradas na UFSC ou UDESC, com predominância da primeira em termos de foco. Na tabela abaixo confirmamos que as maiores universidades do país estão entre as mais citadas. Chamamos especial atenção para o caso da UFSC, que aqui aparece em segundo lugar em função da inclusão das matérias do DC neste cômputo.

Tab. XXX. Universidades citadas cinco vezes ou mais nas matérias dos jornais investigados.

Universidades

N. de matérias

USP

228

UFSC

55

UFRJ

41

UNICAMP

28

PUC

16

Unesp

13

UERJ

12

UFRRJ

12

UnB

12

UFF

9

UNIBAN

7

UNIFESP

7

Estácio de Sá

6

UFAC

5

4.1.4.

Considerando que este trabalho está vinculado a um projeto que tem entre seus objetivos a realização de um sobre vitimização entre os alunos da UFSC e UNOCHAPECO, dedicamos aqui um item específico de pesquisa hemerográfica contemplando a UFSC a partir do Diário Catarinense, de circulação estadual.

Temáticas mais frequentes das matérias

Depois da primeira etapa de classificação das matérias segundo os dados mais primários, foram feitas mais duas classificações: tipo do ocorrido e tipo de crime.

a.

Gráfico 1. Tipo de ocorrido.

Elaboração: os autores.

5. ANÁLISE DOS CONTEÚDOS.

Neste item vamos deter em analisar os conteúdos das matérias cujos temas foram os mais frequentes. A Análise das matérias segue a proposta de Seibel (Metodologia para Pesquisa Hemerográfica), isto é: a) identificação da problemática; b) dimensão espacial e temporal da problemática abordada; c) identificação das instituições envolvidas; d) desdobramentos sugeridos.

5.1.

o controle do acesso ao campus foi uma das medidas de segurança discutida e adotada nas universidades. Esta questão incluía a instalação de catracas, cancelas, roletas, guaritas, muros ou portões. ao mesmo tempo entrou em pauta o acesso nos finais de semana. Estas medidas geram polêmicas.

: foram sugeridas e tomadas medidas para o controle e circulação de ciclistas, assim como o monitoramento de veículos.

d.

: Por meio de aplicativo, estudantes e funcionários podem registrar uma ocorrência, que é enviada para a vigilância do campus; Cinco ônibus vão levar os estudantes até a Estação das Barcas e ao Terminal, em Niterói.

e.

: Neste item dois recursos foram referidos: cães e câmeras (circuitos internos de TV) com o objetivo de prevenir furtos, assaltos e depredações. A vigilância também se estende às áreas externas aos campi. Primeiro projeto do centro será o “Campus Inteligente”, que vai monitorar de todas as ações que acontecem na universidade. Iluminação.

f)

: Os problemas de segurança provocaram reações nos estudantes. Estas reações que classificamos aqui como atitudes comportamentais se deram em várias direções. Primeiramente apontaram ações coletivas, de solidariedade, de auto-proteção e, complementares às ações administrativas de segurança, como por exemplo: “Alunas da USP se unem para combater abusos e dar apoio às vítimas de agressão”; “Alunos da UFRRJ denunciam no Facebook crimes no campus..”; “Aplicativo organiza e integra caronas no Fundão..”; Estudantes criam mapa de crimes no campus;” “Em festas, alunas expulsam autor de assédio”;” Escoltas: Seguranças acompanham alunos na saída das escolas; alunos se organizam para...”.

Talvez a questão mais polêmica associada à segurança, na visão das administrações das universidades federais são as festas no espaço dos campi. Apesar de não classificar um grande número de matérias, parece que o assunto festas engloba uma série de eventos em diferentes graus relacionados à segurança tais como assédios, estupros, álcool e drogas, roubos e furtos e até crimes. As festas se tornam momentos propícios para estes tipos de eventos.

Assim muitas universidades proibiram as festas; outras regulamentam ou criam espaços exclusivos para estes eventos. No entanto, elas acontecem sempre, autorizadas ou não. É inegável que universidade e festas sempre estiveram muito alinhadas. Como se as festas fizessem parte do ambiente acadêmico. É uma tradição nas universidades americanas. Sítios que anunciam cursos nos Estados Unidos indicam as universidades americanas com as melhores festas.[8]

Quem organiza as festas, em quais espaços elas acontecem, qual sua frequência e dimensão, são questões que vão além desta pesquisa. Aspectos apontados em outro trabalho desta pesquisa que entrevistou gestores das universidades Federal de Santa Catarina e UNOCHAPECÓ sugerem vários aspectos sobre a evolução das festas universitárias nas duas últimas décadas. Sucintamente podemos apontar aqui: a) a evolução no tamanho das festas (atualmente de dez a doze mil pessoas); b) festas organizadas em nome de cursos (engenharias, medicina, etc.), tendo por trás uma equipe “profissional” de organização;c) com o objetivo tradicional de angariar fundos para a formatura e, portanto, organizar pequenas festas pontuais e localizadas no cursos, as festas atuais tomaram, certamente outros formatos e outros propósitos,que sugerem investigações mais aprofundadas.

De qualquer forma, as festas nas universidades brasileiras tem sido motivo de preocupação para os gestores pois o seu agigantamento do porte destas festas trás consigo eventos com os quais os agentes de segurança das universidades não tem como intervir ou controlar, provocando, desde a possibilidade de depredação do patrimônio público, a quebra de sossego das populações no entorno dos campi, até eventos que comprometem a idoneidade física dos participantes e estudantes. Em última instância a responsabilização pelos acontecimentos gerados numa festa recai sobre a administração das universidades.

Sem necessariamente proibir a realização de festas no campus, muita universidades buscam soluções alternativas criando protocolos e regulamentação para a realização das mesmas. A entrevista a pró-reitora de Desenvolvimento Universitário da USP, Teresa Atvars, deixa clara esta preocupação: "A instituição tem regras claras que disciplinam a realização de festas nos seus três campi. Há uma deliberação que procura definir estratégias para a boa realização de qualquer evento, trata da abrangência do evento, localização no campus, número de pessoas, define os responsáveis pela organização, trata de providências que dizem respeito à segurança patrimonial e pessoal e trata da definição de infraestrutura para o conforto dos participantes do evento" [9].

O coordenador do DCE (Diretório Central dos Estudantes) e membro do Consu (Conselho Universitário), Ícaro Turci, disse nesta sexta acreditar que a força policial do estado no campus não vai resolver os problemas de segurança. "A polícia não é treinada para isso. A medida é só uma intimidação".

A autorização para fazer festas implica em custos (contratação de seguranças) e estrutura de organização, o que muitos grupos de estudantes não dispõem; assim, é comum o fato de acontecerem festas no espaço físico das universidades sem autorização legal.Nestes casos quando ocorrem eventos de violência as guardas universitárias não tem como agir.

De qualquer forma, as festas associadas ao ambiente e público das universidades sugere um fenômeno recente, com características bem específicas, diferentes das festas singelas e informais que aconteciam dentro das universidades até duas décadas atrás. O agigantamento de festas universitárias, associadas a movimentos de cultura musical (‘sertanejo universitário’, por ex.) mobilizam uma atividade econômica que envolve vários setores (venda de bebidas, bandas musicais, segurança, etc.), além da mobilização de um grande número de pessoas (dez ou doze mil, no caso da UFSC). É importante registrar que muitas destas festas vem sendo feitas em local fora do campi das universidades, mesmo assim organizadas por grupos de estudar ligados a cursos específicos (engenharias, medicina, etc.) ou diretórios acadêmicos. Mesmo assim ocorrem nestas festas eventos de furtos, roubos e assédio.

Fazer ou não fazer festa! Novamente, as festas fazem parte do convívio lúdico de uma universidade. Proibi-las simplesmente, pode gerar uma sociabilidade e um vínculo muito ralo dos estudantes em relação à academia, além de negar inúmeras possibilidades de convívio na vida universitária de cada um.

5

A presença da PM, na última década, somou o maior número de matérias nos jornais brasileiros quando o assunto era a “segurança nos

”. As matérias indicam que a alusão à PM sempre é feita em função de acontecimentos envolvendo assaltos, sequestros e, principalmente, homicídios. A presença da PM nos

universitários brasileiros sempre foi polêmica. Em décadas passadas esta questão esteve mais fortemente associada aos protestos dos estudantes contra a ditadura militar. Nas décadas recentes, no entanto, outros fatores apontaram uma solicitação cada vez mais frequente da presença da PM, principalmente pelas administrações das universidades.[10]

Segundo reportagem da revista Carta Capital[ii], a presença da PM no campus da USP trouxe consigo ações e atitudes consideradas como interferências da PM no cotidiano dos alunos atividades de controle, com o aumento de abordagens invasivas e provocações a estudantes. Um ponto levantado por setores contrários à presença da PM nos campi é a perspectiva de uma “militarização da segurança

nos campi”, fato que se acentuou com a nomeação de um militar para chefiar a segurança no Campus da USP.

Por outro lado, indica que aspectos muito práticos do cotidiano universitário seguem sendo sumariamente ignorados pela administração da USP, tais como a iluminação, a frequência dos ônibus e circulares e uma reestruturação da Guarda Universitária. São medidas simples, aparentemente bastante banais, mas que melhorariam muito a segurança da universidade, sem a necessidade do recurso à força.

É importante considerar também que as corporações militares tem sua opinião sobre a sua participação em ações de segurança dentro dos campi universitários como declara o coronel Volney Halan Marques, comandante da 9ª Região da Polícia Militar (RPM), sobre a presença da Polícia Militar (PM) nos campi da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), por acreditar que o índice de criminalidade na universidade não justifica o patrulhamento ostensivo e porque, para ele, a responsabilidade de realizá-lo, caso demandado, seria da Polícia Federal (PF). [11]

5.3. Modelos de policiamento.

A polêmica do policiamento nos

das universidades conduz fatalmente ao debate sobre modelo de polícia. Neste sentido podemos pensar que este debate ainda incipiente na sociedade brasileira, pode ter aqui alguma referência para uma reflexão mais realista. Esta questão tem vários vieses.

Primeiramente, a constituição de unidades de segurança nas universidades teve desde o início a finalidade principal de proteger o patrimônio das mesmas. Portanto, é em torno desta função que não somente organizam as unidades de segurança nas universidades, mas também o conceito de segurança e, conseqüentemente uma cultura administrativa sobre o que deveria ser o objeto de atenção destas unidades. Cria-se portanto, uma linha delimitadora muito clara sobre segurança enquanto vigilância patrimonial.

Em segundo, como cultura administrativa instrui nos gestores e nos agentes vigilantes as suas formas e práticas de ação. No decorrer do tempo as ações de segurança vão se estender para a vigilância patrimonial dos frequentadores das universidades

(professores, servidores e estudantes), principalmente no que se refere aos seus pertences pessoais (carros, computadores, telefones celulares, etc.), no entanto, as unidades de segurança não serão organizadas e muito menos treinadas para atuar sobre outras formas de vitimização que podem ocorrer no cotidiano dos universitários. Destacamos aqui os chamados crimes contra as pessoas.

Por último, a gestão da segurança com fortes traços da herança militar brasileira nos vários níveis e instituições de segurança no país, aqui também marca sua presença. A limitação dos agentes de segurança nas universidades frente a eventos criminais (roubos, assaltos, etc.). Esta questão tem levado ao questionamento sobre o uso de armas pelos agentes de segurança. A interferência dos agentes de segurança das universidades em ações que envolvem violência é questionada pelos próprios agentes que não se sentem preparados para isto. Neste sentido recorre-se sempre à PM.

A pesquisa hemerográfica nos indicou três cenários mais frequentes quando a presença da PM nos

é invocada. Um primeiro seria de eventos criminais de natureza patrimonial (roubos, sequestros, furtos) que envolvem na maior parte dos casos agentes externos à universidade, muitas vezes quadrilha que praticam furtos e, na maioria dos casos, sendo estudantes, funcionários ou servidores as vítimas. Noutro, atos violentos contra a pessoa (estupros, homicídios, etc.) que envolvem como vítimas e vitimizadores pessoas da própria academia. Um terceiro cenário são os eventos de protesto que envolvem os segmentos sociais e os gestores, normalmente, coincidindo com ocupações de prédios administrativos. As opiniões que questionam a presença da PM alegam que este não é a melhor forma para solucionar conflitos no ambiente universitário.

Portanto, debater políticas de segurança para as universidades, assim como um modelo de policiamento que considere a especificidade da universidade. Nas matérias analisadas duas propostas de organização da segurança emergem como sugestões. Por um lado, o modelo japonês denominado Koban e, mais diluído, porém com mais consistência a ideia de um policiamento comunitário.

Inspirado num programa japonês, o mecanismo prevê uma base física, o Koban, e uma ação mais preventiva e envolvida com a comunidade.[14] Segundo o Coronel Kenji Konishi, diretor da Polícia Comunitária e de Direitos Humanos da PM, o sistema Koban fixa o mesmo PM numa determinada região. Esse policial inicia seu patrulhamento a partir de uma instalação física que no Japão é chamada Koban. É uma base de onde o PM sai para fazer visitas, palestras,

entrevistas. Ou seja, ele se inteira dos problemas da comunidade para dirigir seus esforços em prol da resolução deles. Nosso maior desafio é fazer com que a comunidade nos aceite.” A rejeição não é da maioria da comunidade uspiana, é de alguns segmentos. Não é total. Se realizarmos uma pesquisa que envolva docentes, alunos e servidores, vamos com certeza chegar à conclusão de que a esmagadora maioria é favorável à presença da PM.”

Sobre a proposta de criação de uma Polícia Comunitária podemos dizer que surgem de duas direções. Por um lado, a proposta para implantar policiamento comunitário na Cidade Universitária sugere que policiais militares, com perfil universitário, façam ações de segurança juntamente com a Guarda Universitária.[12] Neste sentido os termos do convênio entre USP e a PM incluem que a PM, através de conversas e pesquisas deve detectar os pontos vulneráveis no campus, através de mapeamento digital, com os gestores e diretores da Universidade e também com professores, funcionários e alunos, ouvir as sugestões da comunidade da USP, e também levar a

da PM para este público, promovendo troca de experiência e compartilhamento de informações e bases de dados.[13]

Segundo Viviane de Oliveira Cubas, socióloga e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP), em entrevista ao Jornal do Campus,[15] o modelo tradicional de policiamento no Brasil é muito mais reativo, com foco em atender ocorrências, depois que o problema já aconteceu. O policiamento comunitário estaria mais voltado à prevenção, justamente por ser uma polícia próxima da comunidade, que conhece as pessoas, é fixa, não tem rotatividade. A partir do momento em que os policiais e as pessoas se conhecem, evitam-se abordagens agressivas, que minam a relação da população com a polícia. Esse relacionamento de proximidade constrói um novo tipo de vínculo e cria um ambiente em que se identificam problemas antes que aconteçam as ocorrências. Este modelo de polícia não é relacionado a um treinamento específico, mas a uma vivência dentro da instituição, a uma filosofia do modo de perceber o seu papel, o papel do outro, e isso vai se refletir lá na ponta. O policiamento comunitário exige que o policial tenha uma vivência democrática. Segundo a socióloga, “

”. Questionada sobre a especificidade da universidade como território de segurança, em comparação com o resto da cidade, aponta que existem características específicas que exigem estratégias diferentes de policiamento, como em qualquer lugar, “

” A socióloga entende que,

Por outro lado, avalia que o convênio firmado entre a USP e a PM em 2011 resultou somente numa atuação mais ostensiva da polícia. Sobre o desenvolvimento de um modelo comunitário afirmou “

Reportando à polêmica a questão da aprovação da comunidade acadêmica sobre a presença da PM no campus, uma pesquisa Datafolha revela que 58% são a favor de policiamento na Cidade Universitária.[16] No entanto, a pesquisa revela também outras questões internas a diversidade de opiniões. O aval aos policiais militares no campus tem ampla maioria em exatas (77% a favor) e biológicas (76%), mas é minoritário em humanas (40% a favor e 54% contra). A presença ostensiva tem apoio em unidades como a Escola Politécnica (86% querem a PM) e as faculdades de Medicina (73%) e Economia e Administração (72%). O levantamento também aponta que a maioria (57%) tem mais confiança do que medo na PM. Iguais 57%, porém, acham que a presença policial no campus não alterou a sensação de segurança. Um em cada dez alunos declarou já ter sido vítima de algum crime dentro da USP -31% deles após a polícia começar a patrulhar o campus.

Apesar da maioria dos estudantes ser favorável ao patrulhamento da PM, para 57% dos estudantes, a sensação de segurança dentro do campus é a mesma do período anterior ao aumento da presença da PM na Cidade Universitária. Apenas 28% disseram que a sensação de segurança aumentou[17].

Para Cubas ET alii (2013), problemas de segurança são recorrentes em campi universitários e estes necessitam ter um modelo de segurança eficiente. A questão que se coloca é, “Como implantar um modelo de segurança no ambiente universitário que seja capaz de dar segurança à comunidade universitária e que, ao mesmo tempo, leve em consideração a especificidade de um ambiente acadêmico?”[18].

Em estudo comparativo entre a USP e universidades de outros países (Colômbia, Estados Unidos e Inglaterra), a University of Toronto (Canadá), University of Chicago (EUA), University of Warwick (Inglaterra), e a Universidad Nacional de Colombia (UNAL), Cubas

(2013) identificou semelhanças e diferenças nos ambientes acadêmicos das mesmas. Quanto às semelhanças: processo de atribuição de maior responsabilidade aos profissionais encarregados da segurança ao longo do tempo; aproximação entre esses profissionais e as forças policiais; prestação de serviços que vão além dos atendimentos emergenciais pelos encarregados da segurança; predominância de casos menos violentos nas ocorrências; e resistência ou desconfiança por parte da comunidade universitária sobre a presença da polícia no campus. Quanto às diferenças, destacam-se a produção de estudos sobre as ocorrências e vitimização, o desenvolvimento de programas de prevenção e o

incentivo ao registro de queixas contra os profissionais da segurança, características muito mais comuns e acessíveis nas universidades estrangeiras.

O artigo de Cubas ET alii (2013, p.3) também reforça a adoção de um modelo e uma filosofia de policiamento comunitário nos ambientes universitários. No caso das universidades estrangeiras (particularmente a Toronto University) a tradição de policiamento comunitário da sociedade local que se reproduz no ambiente da universidade. Sintetiza que a incorporação de um policiamento comunitário implica em produzir planos de emergência, códigos de conduta, procedimentos para o uso de força não letal e procedimentos para lidar com queixas da comunidade universitária a respeito dos serviços de segurança (idem p. 5). Conclui que a promoção da segurança depende das relações da polícia do campus com outras instituições e do estabelecimento de redes com sua própria comunidade. (idem p. 6).

Por sua vez os autores (CUBAS,

, 2013, p.5) os estudos de vitimização que começaram a ser realizados a partir dos anos 1990 nas universidades americanas. Mesmo que tendo confirmado, que os crimes nos ambientes universitários são menos comuns e menos violentos do que na comunidade em geral, revelam que ao menos 22,5% dos respondentes haviam sido vítimas de algum tipo de crime no ano anterior (sendo 6,7% crimes violentos) e que a sensação de insegurança é maior entre as mulheres (apesar de a vitimização ser menor entre elas), asiáticos e negros, principalmente durante o período noturno e em áreas externas e abertas do campus. As pesquisas mostraram ainda que as campanhas de prevenção diminuíram a vitimização violenta e que calouros com menor contato com os programas de prevenção tomavam menos precaução e estavam menos atentos à segurança pessoal. Os resultados também indicaram que a vitimização é maior durante as festas noturnas e quando há uso de drogas.

O caso da antropóloga Ana Lúcia Pastore, nomeada pelo Reitor Marco Antônio Zago em 2013 para assumir a Superintendência de Segurança da USP, é emblemático sobre um projeto de política de segurança no ambiente universitário. Mulher e antropóloga, Ana Lúcia representou a proposta de um novo paradigma de segurança para o caso da USP e que poderia se refletir nas demais universidades do país.

Ana Lúcia assumiu o cargo propondo um diálogo com a comunidade acadêmica a respeito da questão da segurança. “É um desafio que me assusta, me instiga. Eu não pretendo estar sozinha, devo me cercar de pessoas que me apoiem, pela suas formações complementares e pela sua vontade de participar. Eu espero

muito dos estudantes, dos docentes e dos funcionários, assim como eles esperam de mim”.[1]

Um de seus projetos iniciais foi realizar uma pesquisa de opinião com a comunidade USP, para pautar as questões prioritárias e mapeá-las, como o medo, sensação de insegurança, etc. Deve-se ver mais as experiências bem sucedidas em outras universidades e não, aplicar modelos, sem maiores debates.[2]

Durante a sua gestão de menos de um ano, Ana Lúcia identifica em entrevista que os da segurança no campus são estruturais e aponta aspectos que indicam um projeto de segurança, mas que encontrou resistência dentro universidade.

Uma primeira observação foi a resistência na proposição de um debate sobre segurança dentro do campus. Neste sentido, não somente os demais gestores, como também certa frustração com os segmentos e grupos sociais dentro da USP.

O aumento da presença da PM foi um dos temas de discórdia entre ela e a reitoria, “Tem de haver uma discussão mais amadurecida. E na USP a prática da construção de um diálogo é muito incipiente”, diz Ana Lúcia.

Ana Lúcia comenta sobre a gestão da segurança na USP estar sendo gerida por militares, o que remete à uma concepção de segurança muito mais “...ligada à vigilância, ao controle, e não necessariamente ao diálogo”, ao mesmo tempo que na USP o debate sobre segurança se reduz à presença ou não da PM.

Aponta que outras questões deveriam ser objeto do debate sobre segurança como: “Práticas de homofobia e de racismo, por exemplo, precisam ser objeto de discussão. Não de mera repressão, mas de discussão. É preciso se perguntar porquê isso está acontecendo aqui”.

Sobre a presença ou não da PM no campus, Ana Lúcia afirma: “Eu não era e não sou favorável à polícia totalmente fora do campus, acho que há questões que envolvem segurança e há necessidade da atuação da polícia, porém não sou favorável que a polícia substitua a guarda universitária. A nossa polícia, especialmente a militar, como o próprio adjetivo já diz, é formada por uma lógica militar de enfrentamento”.

Ela entende que o trabalho da Guarda é diferente daquele da PM, “A Guarda tem que estar preparada para o dia a dia da convivência. A nossa polícia não é treinada pra isso”. Ao mesmo tempo interpreta que “A Guarda deveria, em um modelo ideal, ser o exemplo de uma guarda civil metropolitana. Desarmada, preparada para o público mais hegemônico que nós temos nos campi. A própria questão da abordagem, do atendimento tem que estar voltada a este perfil.” Nesta perspectiva, a Guarda universitária deveria ser treinada para atuar na principais vias do campus, especialmente pontos de ônibus, faixas de pedestres, cruzamentos

perigosos e praças. Aponta que somente o investimento em monitoramento eletrônico não é suficiente.

Outro ponto de conflito de Ana Lúcia com a Reitoria foi o caso da Faculdade de Medicina, cuja segurança era gerida por funcionários da própria unidade, sem o acesso da guarda universitária à faculdade. Portanto, as questões de segurança estavam restritas à própria unidade. Portanto os casos de vitimização ficavam restritos à própria unidade. [1]

[1]<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/04/as-gestoes-politicas-passam-a-cada-4-anos-a-comunidade-continua/>. Redação JC.

[1]<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2014/05/nova-chefe-de-seguranca-da-usp-promete-mais-dialogo-com-a-comunidade/>. Patrícia Figueiredo.

[2] <https://www.youtube.com/watch?v=mcO9fb4dKl0>.

5.4 Outros

BIBLIOGRAFIA

[1] A este respeito ver Seibel

[2] Berté, Denis

[3]<http://www.nytimes.com/2016/06/23/education/reforming-rape-policies-on-campus.html?mtref=query.nytimes.com&gwh=DD7D2C52B25BC4C4DD1F3A1EFF5ED12D&gwt=pay>.

[4] <http://www.revistaforum.com.br/2012/06/14/a-universidade-nao-precisa-de-policia>.

[5] Fizemos testes nos jornais Folha de S. Paulo e Estadão para definir a nossa palavra-chave de pesquisa. Testamos as palavras-chave: Violência Campus, Segurança Campus, Violência Universidade e Segurança Universidade. Com as palavras-chave Segurança Universidade e Violência Universidade foi encontrado um grande número de resultados, porém dispersos, não necessariamente vinculados a universidade. Já com as palavras-chave Violência Campus e Segurança Campus o número de resultados foi menor que as palavras-chaves anteriores, mas possuiu um grau de dispersão menor, ou seja, existia um número maior de notícias vinculadas a universidade. Todavia, como a nossa

intenção era pesquisar apenas com uma palavra-chave, optamos pela Segurança Campus por encontrar um número maior resultados do que a palavra-chave Violência Campus.

[6] A primeira referência da FSP à Universidade de São Paulo é de 1937.

[7] A UFPR não tem mais nenhum vigilante entre seus quadros. A UFSC ainda conta com ????. Ver entrevista com Leandro.

[8] As universidades mais ‘festeiras’ dos EUA. Site americano lista as melhores faculdades para quem pretende estudar em universidades de ponta e curtir as melhores festas.

<http://veja.abril.com.br/educacao/as-universidades-mais-festeiras-dos-eua/>. Da Redação. 29 dez 2014, 15h18.

[9]<https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/09/27/unicamp-admite-saber-de-festa-clandestina-pm-vai-entrar-no-campus.htm>. Do UOL, em Campinas. 27/09/2013 11h24 > Atualizada 27/09/2013 14h01.

[10] [Desde a ditadura militar, a presença da PM na USP é tabu, mas após o assassinato do estudante Felipe de Paiva dentro do câmpus, em 2011, a reitoria assinou um convênio com a corporação. Para o diretor do Diretório Central dos Estudantes (DCE-USP), Thales Migliari, a situação de insegurança não mudou. “Desde que a PM voltou ao câmpus, os casos de violência não diminuíram, há até casos de estupro.”]

<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,criminalidade-faz-usp-instalar-cameras,1679800>. Luiz Fernando Toledo, Paulo Saldaña e Victor Vieira, O Estado de S. Paulo. 02 Maio 2015 | 03h00.

[11] Comandante da PM é contra a presença da corporação na UFU
<http://www.correioUberlandia.com.br/cidade-e-regiao/comandante-da-pm-e-contra-a-presenca-da-corporacao-na-ufu/>. Correio de Uberlândia. Quinta-feira, 02 de Março de 2017.

[12]<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/usp-pm-firmam-convenio-para-implantar-policiamento-comunitario-na-cidade-universitaria-17430471>.

[13] <https://www.usp.br/imprensa/?p=13553>. Press release - 09/09/2011.

[14] <http://jornalggn.com.br/noticia/pm-tenta-implantar-policiamento-comunitario-na-usp.QUI,13/08/2015-09:33>.

[15] Barbara Monfrinato. <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/08/usp-pode-ser-laboratorio-de-novas-estrategias-de-seguranca-comunitaria-2/>. In: Jornal do Campus. 20/0/2015.

[16]<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/8668-maioria-dos-estudantes-da-usp-apoia-a-pm-no-campus.shtml>. São Paulo, domingo, 13 de novembro de 2011. Folha de São Paulo. Cotidiano. Jose Benedito da Silva.

[17]<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/maioria-dos-estudantes-da-usp-defende-pm-no-campus-diz-datafolha.html>. 13/11/2011 08h31 - Atualizado em 13/11/2011 08h37.

[18]. Viviane Oliveira Cubas, Renato Alves, Denise Carvalho, Ariadne Natal, Frederico Castelo Branco

Segurança no campus: um breve levantamento sobre as políticas de segurança na USP e em universidades estrangeiras. In: Rev. bras. segur. pública | São Paulo v. 7, n. 1, 182-198 Fev/Mar 2013.

[i] Frabasile, Daniela. Segurança na USP será chefiada por ex-militar. In: Jornal do Campus. São Paulo, 16 de abril de 2012.

(<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2012/04/seguranca-na-usp-sera-chefiada-por-ex-militar>).

[ii] (<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-esta-por-tras-da-presenca-da-pm-na-usp>). por Redação Carta Capital — publicado 17/11/2011 14h23, última modificação 17/11/2011 14h23